

# A repercussão da obra *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, na imprensa brasileira (1962-1979)

Bianca Letícia de Almeida\*

## Resumo

O propósito deste artigo é analisar a repercussão do livro *Primavera Silenciosa* (1962), da bióloga norte-americana Rachel Carson, na imprensa brasileira nas décadas de 1960 e 1970. A obra teve objetivo de denunciar o uso indiscriminado de pesticidas químicos nos EUA e foi considerada por alguns a fundadora do movimento ambientalista contemporâneo, que ganhou força nos anos 1970. Em um primeiro momento do artigo, abordar-se-á as principais características do impresso, a sua publicação nos EUA e o processo de difusão pelo mundo. Em seguida, analisaremos como o livro foi apresentado, divulgado, recebido e referenciado em alguns jornais e revistas no Brasil. O recorte dos títulos consultados provém dos jornais e revistas digitalizados e disponibilizados pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

**Palavras-chaves:** *Primavera Silenciosa*, Rachel Carson, imprensa, ambientalismo contemporâneo, Ciência e Natureza

---

\* Graduada e Mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com orientação do Prof. Dr. Janes Jorge. E-mail: b.almeida@unifesp.br

O livro *Primavera Silenciosa*, escrito pela bióloga Rachel Carson, foi publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1962, e provocou imediata discussão na opinião pública americana e internacional. Não por menos é considerado o impulsionador do movimento ambiental em escala mundial. Lançado em série pela revista *The New Yorker*, a obra teve objetivo de denunciar o uso indiscriminado de pesticidas químicos, sobretudo nos EUA, e explicar minuciosamente, com leitura acessível, as consequências das pulverizações.

O objetivo deste artigo é apresentar a obra, a trajetória de Carson, a sua importância ao denunciar os malefícios do uso indiscriminado de inseticidas e como ela foi recebida tanto nos EUA, quanto, em especial, no Brasil. Para isso, investigamos como o livro foi abordado pela imprensa brasileira, de acordo com os jornais e revistas disponibilizados ao público pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

### **Ciência, meio ambiente e mercado editorial**

O desenvolvimento de produtos biocidas ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial quando agentes foram testados para serem usados na guerra química e notou-se, em testes com insetos, que algumas substâncias artificiais ou sintéticas eram letais a este grupo<sup>1</sup>. No pós guerra, a indústria química cresceu acentuadamente e uma grande quantidade de produtos sintéticos foi comercializada mundialmente de forma indiscriminada. Como reações a este crescimento que trazia consigo malefícios começaram a surgir críticas como a de Rachel Carson (1907-1964).

O livro, além de ser um marco no gênero de divulgação científica e na luta ecológica, também é geralmente relacionado com o banimento, em 1972, da venda do DDT (dicloro-difenil-tricloroetano) – um produto que marcou a utilização de biocidas de forma larga e progressiva a partir da década de 1940<sup>2</sup>.

Carson percebeu o impacto dos pesticidas como um todo no meio ambiente, já que “raramente ou nunca a natureza funciona em compartimentos fechados e separados”. Então, ao se pulverizar uma plantação, não só a espécie de inseto ou planta considerados pragas

---

<sup>1</sup> Rachel Carson, *Primavera silenciosa*, São Paulo, Gaia, 2010, p. 29;33; José Prado Alves Filho, *Uso de agrotóxico no Brasil: controle social e interesses corporativos*, São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002, p. 24-25.

<sup>2</sup> José Prado Alves Filho, *op. cit.*, p. 24.

são atingidos, como também toda a terra, outros animais, vegetação, águas subterrâneas, rios, entre outros<sup>3</sup>. O título da obra, inclusive, se deu porque algumas cidades americanas, antes marcadas pelos cantos, cores e belezas dos pássaros que regressavam na primavera, tornaram-se silenciosas durante essa época do ano, porque as aves ou morreram envenenadas, ou se tornaram inférteis, ou migraram por suas condições de vida terem sido afetadas pelas pulverizações<sup>4</sup>.

Embora em seu trabalho a autora tenha exposto casos particulares e relatórios científicos sobre acontecimentos nos EUA, ela também fez menção ao uso desses agentes químicos em outras partes no mundo. Da mesma forma, a repercussão do livro não se limitou aos EUA: entre os anos 1963 e 2004, a obra foi traduzida para o alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, coreano, turco, entre outros idiomas<sup>5</sup>.

No Brasil, o livro foi publicado durante a Revolução Verde, quando ocorreram mudanças na produção agrícola, como o uso de novas tecnologias e substâncias químicas<sup>6</sup>. A junção de investidores internacionais atraídos pelos recursos naturais, mão de obra barata, mercado consumidor em expansão do país e a tecnocracia do governo autoritário do regime militar proporcionou um rápido crescimento econômico acompanhado pelo aumento demográfico, expansão da paisagem urbana, obras de infraestrutura e áreas industriais. Contudo, trouxe profundos impactos ambientais com a expansão da paisagem urbana, derrubada de florestas tropicais para uso da agropecuária e a conversão de áreas rurais tradicionais em operações de larga escala baseadas em máquinas e agrotóxicos<sup>7</sup>.

Talvez pela intensificação da destruição da natureza e o começo das discussões ecológicas no Brasil e no globo, ou mesmo porque o livro de Carson se tornou um *best-seller* em outros lugares do mundo, a Companhia Melhoramentos de S. Paulo, então uma das maiores editoras

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 95-96.

<sup>5</sup> Mark Stoll, “Rachel Carson’s Silent Spring, A Book that changed the world”, in *Environment and Society Portal*. Disponível em: <http://www.environmentandsociety.org/exhibitions/silent-spring/overview>. Consultado em 19 de agosto de 2018.

<sup>6</sup> Priscila Ribas e Aida Santos Matsumura, “A química dos agrotóxicos: impacto sobre a saúde e meio ambiente”, *Revista Liberato*, vol. 10, nº 14, 2009, p. 150.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 116-117

e empresas do Brasil<sup>8</sup>, decidiu publicá-lo, com tradução de Raul de Polillo. É importante dizer que Carson já tinha um de seus livros, *O mar que nos cerca*, publicado no Brasil pela Cia. Editora Nacional, com tradução de Brenno Silveira, no início da década de 1950.

*Primavera Silenciosa* fazia parte da coleção Série Hoje a Amanhã juntamente com os seguintes livros: *Crimes contra a Natureza*, de Hans-Joachim Netzer; *Origem e destino da Vida*, de M. Bergounioux; *De onde viemos – para onde vamos*, de Heinrich Faust; *Decadência e Regeneração da Cultura*, de Albert Schweitzer; *Aforismos para a sabedoria na vida*, de Arthur Schopenhauer; *Mundo de Hoje – Mundo de Amanhã*, de Ernst Sambhaber e *A Humanidade Ora* de Wladimir Lindenberg<sup>9</sup>. Ainda restam maiores investigações sobre essas obras, mas é interessante perceber que elas aparentemente lidam com a degradação do meio ambiente ou preocupação com o futuro da humanidade, expressando uma possível intenção da editora em propagar discussões internacionais sobre essas questões.

### **A repercussão de *Primavera Silenciosa* na imprensa brasileira**

Por meio da palavra-chave “Primavera Silenciosa”, na busca acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>10</sup>, é possível encontrar um número razoável de materiais relacionados à obra. São anúncios, resenhas, comentários e notícias que dizem respeito tanto exclusivamente ao livro e/ou a autora, quanto sobre agricultura, preservação ambiental e uso de inseticidas, que citaram as considerações da bióloga sobre o assunto.

Das 21 unidades federativas que o Brasil possuía na época, houve ao menos uma menção sobre o livro ou a autora em jornais e revistas de dez delas. Percorrendo páginas dos 24 impressos consultados, ao longo de dezessete anos, é possível notar algumas questões gerais. Na década de 1960, parte das referências a *Primavera Silenciosa* vieram de anúncios de

<sup>8</sup> Desde sua fundação em 1890, a Melhoramentos atua na produção de produção de materiais de construção e papel, material pouco produzido no Brasil até então, e na prestação de obras de saneamento e urbanização em São Paulo. Laurence Hallewell, *O livro no Brasil: Sua história*, Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza, 3ª ed, São Paulo, EDUSP, 2012. p. 372.

<sup>9</sup> Anúncio “Série Hoje e Amanhã”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 171, ano LXXVII, 1967, p. 24.

<sup>10</sup> Biblioteca Nacional Digital, “Acervo Digital”. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Todos os jornais e revistas foram consultados entre os dias 14 de agosto de 2018 a 31 de julho de 2019.

divulgação do livro ou em colunas literárias destinadas a apresentar novos lançamentos e fazer comentários curtos. Contudo, as citações à obra não se limitaram à divulgação, havendo textos que mencionam o livro pela sua importância em assuntos como o uso e malefícios de inseticidas. Grande parte deles se baseiam em notícias do estrangeiro que, após o alarde de Carson, passaram a investigar os efeitos dos pesticidas. Alguns apresentam o esforço em relacionar com o contexto brasileiro, mas há uma dificuldade devido à escassez de estudos sobre o tema no Brasil. Nos anos 1970, esse panorama começa a abordar o tema relacionando-o a pesquisas e dados referentes às especificidades brasileiras.

Começamos a análise com um panorama sobre os anúncios e comentários literários sobre *Primavera Silenciosa*. Antes mesmo de sua publicação no Brasil dois grandes jornais anunciaram o processo de tradução da obra. Em março de 1964, Valdemar Cavalcanti escreveu uma nota que informava o *best-seller* estava sendo traduzido pela Melhoramentos. Cinco meses depois, o *Jornal do Brasil* (RJ) também anunciou a programação de lançamento da obra na coluna “Literatura” que destacou o “Plano das Edições Melhoramentos”. *Primavera Silenciosa* era um dos treze livros que seriam publicados pela editora<sup>11</sup>.

Já lançada, a obra foi comentada, só no mês de novembro, seis vezes por cinco impressos. De maneira geral, ela foi apresentada como um protesto em favor da natureza pautado em pesquisas. Alguns jornais destacaram a atenção que o presidente dos EUA John F. Kennedy deu às denúncias de Carson e algumas características do livro, como a quantidade de página e o seu preço. Além dos anúncios e comentários com recursos apenas escritos, destacamos o uso de uma imagem da capa do livro em *A Luta Democrática* (RJ). No texto que acompanha a iconografia, sugeriu-se que tanto cientistas e autoridades públicas quanto quem faz uso de inseticidas no lar ou em propriedades agrícolas lessem o livro<sup>12</sup>.

No ano seguinte, chamamos a atenção para o anúncio publicado em quatro datas distintas do mês de maio, sob o título de “A humanidade está morrendo aos poucos”. Nele se destacou a advertência da autora de

<sup>11</sup> Lago Burnett, “Plano das Edições Melhoramentos”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 205, ano LXXXIV, 1964, p. 10, caderno B.

<sup>12</sup> Marfa Barbosa Viana, “Livros e Comentários”, in *A Luta Democrática*, Rio de Janeiro, n° 3310, ano XI, 1964, p. 2, 2° caderno.

que todos os dias as pessoas estão comendo e bebendo veneno<sup>13</sup>.

Em 1966, ano que saiu a segunda edição do livro, os anúncios e notas bibliográficas não pararam. Há a ocorrência destas em seis impressos, sem grandes novidades na forma de comentar o livro e geralmente o colando ao lado de outros livros que foram (re)lançados. No ano seguinte, no *Jornal do Brasil* (RJ), saíram dois anúncios ilustrados sobre sete títulos da série “Hoje e Amanhã”. A propaganda é grande, ocupando metade da página em ambas as ocasiões. A imagem está à esquerda mostrando oito livros empilhados uns sobre os outros e ao lado direito há maiores informações sobre eles (nome, autor, quantidade de páginas, preço e sinopse)<sup>14</sup>.

Conforme vai se aproximando o fim da década de 1960, os anúncios e comentários vão diminuindo, até porque o livro não foi mais reeditado. Mas pudemos observar uma considerável investida por parte da Melhoramentos nos cinco primeiros anos consecutivos da tradução brasileira.

Talvez a parte mais interessante sobre a repercussão de *Primavera Silenciosa* na imprensa esteja nos artigos ou notícias que citam o livro como referência de assuntos como o uso de pesticidas. Tanto nos anos da década 1960 quanto nos de 1970, muitos desses artigos vieram de notícias ou pesquisas publicadas em outros países. Isso é interessante na medida que nos permite pensar que uma das formas como o livro foi recebido no Brasil refletiu em como ele foi discutido e citado no estrangeiro.

Sobre conteúdos produzidos em outros países que chegaram ao Brasil, podemos citar alguns exemplos. Um deles foi a construção do texto Osvaldo Pereira de Almeida para o *Diário da Tarde* (PR), baseado na revista *Paris-Match*. Esta fez menção a obra Carson, que já estava batendo “todos os recordes nos Estados Unidos”, sublinhando que com o desenvolvimento de produtos tóxicos, os homens estavam prestes a destruir a natureza<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Anúncio “A humanidade está morrendo aos poucos”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 107, ano LXXV, 1965, p. 5, Caderno B; Anúncio “A humanidade está morrendo aos poucos”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 110, ano LXXV, 1965, p. 7, Caderno B; Anúncio “A humanidade está morrendo aos poucos”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 115, ano LXXV, 1965, p. 5, Caderno B; Anúncio “A humanidade está morrendo aos poucos”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 121, ano LXXV, 1965, p. 5, Caderno B.

<sup>14</sup> Anúncio “Série Hoje e Amanhã”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 139, ano LXXVII, p. 5 do Suplemento do Livro n° 14; Anúncio “Série Hoje e Amanhã”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 171, ano LXXVII, p. 24 Suplemento do Livro n° 15.

<sup>15</sup> Osvaldo Pereira de Almeida, “A Primavera Silenciosa”, in *Diário da Tarde*, Curitiba, n° 20.912, ano 65, 1963, p. 5.

De Nova Iorque, Irma Gold informou que a atividade de caça e pesca deixaria de existir nos EUA, segundo o engenheiro florestal Edgard Pick. O motivo seria “a poluição das águas, inseticidas, barulho de aviões e dos veículos, a penetração do homem e a construção nas regiões até aqui quase virgens”. O ataque deste pesquisador, segundo Gold, seguiu-se do êxito do livro de Carson, que é um libelo contra os inseticidas e que levou a um inquérito oficial vindo da Casa Branca. Pick, contudo, não se colocou contra essas práticas modernas que tem afetado o mundo natural, mas defendeu a extinção do “esporte” da caça e pesca, para ajudar na preservação e porque os animais têm entrado em contato com substâncias químicas que causam intoxicação<sup>16</sup>.

Uma nota vinda de Roma para o *Correio da Manhã* (RJ), em setembro de 1969 disse que o perito Dr. James H. Busvine falou diretamente sobre o tema de Carson no Simpósio sobre Pesticidas, preparado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Segundo Busvine, os inseticidas mataram somente os insetos mais fracos e os demais mostraram-se resistentes aos compostos<sup>17</sup>.

Por fim, um último exemplo de comentários pautados em ocorrências de outras partes do mundo relacionadas ao alerta de Carson. No *Jornal do Brasil*, em março de 1966, na coluna “Dando ciência”, José-Itamar de Freitas relatou as consequências do uso de pesticidas em algumas cidades europeias. Pulverizações acabaram por matar milhões de abelhas em Var (França) e ovelhas em Sardenha (Itália). Esses exemplos fizeram com que a revista especializada italiana *Scienza e Vita* se perguntasse se a humanidade estava se encaminhando para uma era de primaveras silenciosas<sup>18</sup>.

Mesmo ciente dos malefícios causados pelos inseticidas, ainda assim Freitas lembrou da importância que estes tiveram no combate, por exemplo, da malária. Por isso terminou o seu texto afirmando que não é só porque se descobriu o duplo efeito dos pesticidas que eles devam ser abandonados. É preciso, além de conhecer melhor o produto empregado,

<sup>16</sup> Irma Gold, “Milhões de pessoas perderão o seu passatempo: avanço da ciência ameaça caça e a pesca de extinção”, in *Última hora*, Rio de Janeiro, nº 1.343, ano XIV, 1964, p. 2, “UH” Revista.

<sup>17</sup> “Inseticida diminui praga sem eliminar”, in *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, nº 23.448, ano LXIX, 1969, p. 11.

<sup>18</sup> José-Itamar de Freitas “DDT é tão potente que acata também os homens”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, nº 54, ano LXXV, 1966, p. 8, Caderno B.

continuar a guerra contra os insetos, porém, só com as espécies nocivas<sup>19</sup>.

A não condenação total dos inseticidas, pontuando a questão do combate a doenças como malária, febre amarela e tifo apareceram bastante em outros jornais, sobretudo nos anos 1960, enquanto alternativas ao uso desses produtos não tinham sido tão difundidas ainda. Foi o caso do artigo, escrito por um dos diretores de *O Jornal*, Theophilo de Andrade<sup>20</sup>, que debateu o DDT e a campanha contra o seu uso. Ele é um exemplo de como o alerta e os esforços de alguns pela proibição da substância química foram recebidos com estranhamento na época.

Andrade iniciou o seu texto escrevendo que “dr. M. G. Candau, ilustre cientista brasileiro, diretor geral da Organização Mundial da Saúde” ficou surpreendido com a campanha mundial contra o uso do agente clorado<sup>21</sup>. Na época, os EUA haviam chegado a proibir esse insumo em algumas de suas unidades federativas e os seus cientistas estavam divididos entre favoráveis ou não a essa ação. O lado negativo é de que alguns estudos indicaram que ele havia provocado câncer em animais de laboratórios e que o corpo humano só o suporta em certa quantidade, sendo perigoso se a dose for alta. O lado positivo está em seu preço baixo, em seus benefícios à saúde pública, já que usado para combater a malária, e ao aumento da produção nacional<sup>22</sup>.

A opinião do autor é reforçada diretamente no final de seu texto. Ele defendeu que o DDT não pode ser proibido só porque pesquisas revelaram que, em alta dosagem, ele provocou câncer em animais. A morte e envenenamento dos pássaros, contudo, é um ponto chave de consideração, já que o agente químico acaba matando-os “e a natureza é triste sem a voz dos pássaros”<sup>23</sup>.

Quase dez anos depois, houve uma mudança de opinião de Andrade. Ele escrevera em um dos seus textos que “o pesticida é veneno” e mata tanto o inseto, quanto “a fauna da própria terra vegetal, indispensável ao crescimento das plantas”. Para o restabelecimento de uma “primavera

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> Segundo informações contidas nas primeiras páginas do jornal, no período estudado, o outro diretor era José Calmon, o editor-geral M. Gomes Maranhão, o diretor superintendente Rubens Furtado e o gerente Fidélis Percope.

<sup>21</sup> Theophilo de Andrade, “Campanha contra o DDT”, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, n° 14.779, ano L, 1969, p. 4, 1° caderno.

<sup>22</sup> *Ibid.*

<sup>23</sup> *Ibid.*



alegre”, em oposição a primavera silenciosa narrada por Carson, é necessário, nos dizeres de Andrade, “combater a poluição das plantas úteis, principalmente os hortigranjeiros” buscando uma forma anterior de agricultura, com métodos mais saudáveis que a industrialização está a abolir<sup>24</sup>.

Antes de passarmos para artigos dos anos 1970, é interessante mencionar mais dois textos que abordaram *Primavera Silenciosa* de maneira singular. O primeiro é o artigo de Garibaldi Dantes para os *Diários Associados*. Diferentemente de outros textos que encontramos na década de 1960, o autor conseguiu fazer uma releitura aprimorada da obra de Carson, pensando seu contexto espacial. O colunista abordou o caso do aparecimento de abelhas africanas de características agressivas aos humanos e animais, em São Paulo, antes habitada pelas “pacatas e produtivas” abelhas italianas. Devido ao ataque em massa promovido por aquelas, chegou-se a justificar por alguns o seu extermínio em nome da “tranquilidade rural”<sup>25</sup>. Dantes, então, constrói o seu texto a partir de algumas considerações sobre a maneira como a apicultura de São Paulo lidava com as abelhas e do histórico dos insetos em geral. O seu argumento é que, em São Paulo, a apicultura apenas considerava importante a fabricação do mel e ignorava o papel desses insetos na polinização, inclusive de plantas econômicas como o café.

Segundo Dantes, foi preciso que os insetos comesçassem a desaparecer, por conta dos inseticidas, para que a sua importância na natureza fosse entendida. Aí, então, está a importância de Rachel Carson, por ser a que mais foi contra o uso indiscriminado de herbicidas, inseticidas e qualquer outro veneno que mata por igual tanto insetos quanto flora e pequena fauna, tão importantes para o equilíbrio orgânico do mundo vivo. O autor lamentou que a despeito de ter sido um sucesso de vendas nos EUA, a obra não tivesse encontrado destaque merecido no Brasil.

O segundo texto é de Peter Fairley que, diferentemente de outras menções a Carson na imprensa brasileira, não elogiou ou concordou com os alertas da bióloga. Em seu artigo, Fairley lamenta que sempre que alguém mostra alguma criticidade em relação à alimentação fica “sujeito a ser estigmatizado como um desequilibrado ou devoto de

<sup>24</sup> Theophilo de Andrade, “Volta ao cultivo racional da terra”, in *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n° 19, ano, 1978, p. 4, 1° caderno.

<sup>25</sup> Garibaldi Dantes, “Coisas estranhas no mundo das abelhas”, in *O Jornal*, n° 13.718, ano XLVII, 1966, p. 4, 1° caderno.

Rachel Carson”. O autor afirmou não se incluir em nenhuma destas classificações, mas acredita que é hora de uma investigação em larga escala sobre efeitos a longo prazo da dieta nacional britânica pautada em alimentos industrializados que causam enfermidades<sup>26</sup>.

Passemos agora para as páginas de jornais e revistas da década de 1970 que continuaram a abordar o tema da utilização dos pesticidas tendo como referência o pioneirismo dos alertas de Carson. De modo geral, nesses anos foram apresentadas maiores investigações dos malefícios dos compostos químicos e casos de nações proibindo ou restringindo o uso de certas substâncias. As questões ambientais, no geral, também ganham maior atenção, sendo o tema da poluição bastante referenciado.

Não foi incomum perceber a utilização da dicotomia países desenvolvidos e subdesenvolvidos quando aspectos políticos globais eram citados. Aqueles são apresentados, por vezes, como tendo maior nível de debate e consciência sobre os malefícios dos inseticidas. Contudo, não se pode ignorar que no mesmo período também foram noticiados os primeiros eventos científicos no Brasil para investigar e discutir problemas relacionados à toxicologia e ecologia. Exemplos são o Fórum de Toxicologia realizado em São Paulo, em 1973<sup>27</sup>, e o I Seminário de Química Ambiental e Ecotoxicologia. Também ocorrido em São Paulo, no ano de 1977, o evento teve patrocínio da UNESCO e do Governos Federal e sua programação publicada pelo *Jornal do Commercio*<sup>28</sup>.

Para iniciar a análise das menções à *Primavera Silenciosa* no período, é interessante começar por dois textos de Carlos Chagas Filho (1910-2000). Embora tenha omitido o sobrenome “Filho” na identificação dos artigos, é difícil não o associar ao seu pai, o importante cientista Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas (1878-1934), o descobridor da doença de Chagas. Se a discussão dos inseticidas apresentadas até então ponderava a sua proibição por conta de benefício destes produtos no combate a doenças como a de chagas e a malária, é interessante ter acesso a textos de um médico que, além de sua importância como fundador do Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e por ter sido

---

<sup>26</sup> Peter Fairley, “A alimentação como fonte de padecimento da era moderna”, in *Correio Braziliense*, Distrito Federal, n° 1.710, 1965, p. 2, 2º caderno.

<sup>27</sup> “Em defesa do DDT”, in *Opinião*, Rio de Janeiro, n° 49, out 1973, p. 22.

<sup>28</sup> “Técnicos de 25 países debatem em SP destino dos resíduos tóxicos”, in *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n° 19, ano 151, 1977, p. 24.

embaixador do Brasil da Unesco, carrega em seu sobrenome o combate a insetos causadores de doenças.

Tanto em seu artigo para o *Jornal do Brasil* quanto para a revista *Ciência e Cultura*, Chagas mencionou a grande expectativa que se criou em torno na ciência no pós-guerra, como forma de se chegar à paz e à qualidade de vida. Contudo, a década de 1960 trouxe frustrações e ansiedades, já que “sommas fabulosas gastas em armamentos se contrapõem à falta de calorias e de proteínas para dois terços da população mundial”<sup>29</sup>. Ainda assim, Chagas defendeu que o problema não estava no desenvolvimento da ciência e tecnologia, mas na forma como elas estavam sendo usadas. Para ele, “só a Ciência e as suas aplicações conduzidas de uma forma verdadeiramente humana, poderão assegurar à humanidade o seu futuro”<sup>30</sup>.

Tendo em ambos os textos reconhecido Carson como a pioneira no alerta sobre a destruição biológica causada pela tecnologia, Chagas defendeu a não continuação do uso de pesticidas e fez menção a técnicas alternativas, como o uso de radiações ionizantes que causam esterilização em machos que se mostrou eficaz em combate a pragas na Flórida<sup>31</sup>.

Esta opinião passou a ser cada vez mais defendida no período, em partes devido ao crescimento de divulgações científicas que apontaram os malefícios dos inseticidas, conforme podemos observar no texto publicado pelo departamento de pesquisa do *Jornal do Brasil* (RJ). Nele foram compartilhados os dados de órgãos oficiais dos EUA que apontaram que num período de 10 anos, “o americano passou a ter dentro do corpo de sete partes de DDT por 1 milhão (1959) para 10 e 20 partes (1969)”, sendo que o nível aceitável é cinco partes por 1 milhão. Além disso, o professor William Deichmann, da Universidade de Miami, revelou que pessoas afetadas por leucemia, câncer e alta pressão apresentaram ao morrer de duas a três vezes mais DDT que pessoas mortas por acidentes<sup>32</sup>.

Por conta de descobertas como estas, alguns países começaram a proibir total ou parcialmente o uso de inseticidas e herbicidas. A Suécia, de onde nasceu o químico que ganhou o prêmio Nobel por descobrir

<sup>29</sup> Carlos Chagas, “Poluição, a ameaça maior”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n°123, ano LXXXI, 1971, p. 5 do Caderno Especial.

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>32</sup> Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil, “O pesticida da leucemia”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n° 29, ano LXXX, 1970, p. 9, 1º caderno.

o DDT, foi a primeira nação a proibir o uso do composto, em 1969. Em seguida, o Canadá, EUA Grã-Bretanha reduziram a sua utilização. Curiosamente, o autor do artigo afirmou que é mais fácil agir com rigor em países mais adiantados como estes do que encontrar uma orientação segura para os países da América Latina, Ásia e África, principalmente porque o DDT é “barato”<sup>33</sup>. Parece ser ignorado que foram de países considerados “avançados” de onde saíram esses compostos poluentes.

Além do DDT, outros compostos químicos foram proibidos ou restringidos, depois de Rachel Carson ter polarizado o sentimento anti-inseticida no mundo<sup>34</sup>. Foi o caso do herbicida 2,4,5-T, após ter sido comprovado que ele causou deformações em crianças vietnamitas<sup>35</sup>, e dos produtos aldrin e dieldrin, usados contra pragas do milho, nos Estados Unidos<sup>36</sup>.

Mas não só dados e informações de fora do Brasil foram notificados na imprensa brasileira. Segundo José Bernardes, “o consumo aparente destes produtos fitossanitários no Brasil passou de 16 mil toneladas anuais em 1964 para 101 mil em 1974” e “estima-se que ele será da ordem de 210 mil toneladas”, em 1980.<sup>37</sup> Entre as consequências do aumento, citou a morte de bovinos por conta do DDT nas pastagens, ocorrida em Porto Alegre, no ano anterior. No mesmo estado, houve diversas mortes de agricultores de soja por aplicarem inseticidas sem equipamento adequado<sup>38</sup>.

Já em relação a São Paulo, em outro texto foi noticiado que

no mês de abril de 1972, técnicos do instituto Adolfo Lutz, declararam que várias mercadorias expostas à venda (arroz, feijão, batata, ovos e legumes) acusaram a existência de resíduos de pesticidas organoclorados. Cientistas paulistas do Instituto Biológico confirmaram esta situação.<sup>39</sup>

<sup>33</sup> *Ibid.*

<sup>34</sup> Pesquisa Diário do Paraná, “Pragas na Agricultura”, in *Diário do Paraná*, Curitiba, n° 6.463, ano XXII, 1976, p. 4, 3° caderno.

<sup>35</sup> Juliano Palha, “Os teóricos da ecologia pregam a defesa do ambiente e a volta do homem à natureza”, in *Manchete*, Rio de Janeiro, n° 1.041, abril 1972, p. 94-95.

<sup>36</sup> Pesquisa Diário do Paraná, « Pragas na Agricultura », *Diário do Paraná* (PR), *op. cit.*

<sup>37</sup> José Bernardes, “Pesticidas: um passo em falso da agricultura industrial”, in *Jornal do Commercio*, Manaus, n° 22.598, ano LXXIII, 1977, p. 7, diversos.

<sup>38</sup> *Ibid.*

<sup>39</sup> Anônimo, “Alimento contaminado por inseticida pode matar”, in *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n° 194, ano 149, 1974, p. 1, 2° Caderno.

No mesmo texto, foi apresentado uma pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP (Universidade de São Paulo), na qual o professor Waldemar Ferreira de Almeida constatou que muitas pessoas da cidade absorveram doses 56 a 140 vezes superiores ao aceitável pela OMS<sup>40</sup>.

Segundo apontou Bernandes, a política nacional de defensivos agrícolas no Brasil estava baseada na Food and Agricultural Organization (FAO) que indicava que o uso de pesticidas era benéfico para a economia do país, dada a insuficiência da produção nacional<sup>41</sup>. Isso foi problemático não só por questões de saúde e ecologia, mas também econômicas. Por exemplo, um ano após a recomendação do Departamento de Saúde dos EUA de proibir a venda do DDT, químicos americanos verificaram alto teor de produtos clorados na carne brasileira exportada para os Estados Unidos. O uso veterinário de DDT e BHC foi, então, proibido no Brasil, mas continuou nas lavouras<sup>42</sup>.

Adilson Paschoal<sup>43</sup>, por estar consciente dos malefícios desses produtos, escreveu que estava propondo o uso do termo “agrotóxico” para substituir as “já difundidas mas errôneas e irrealísticas terminologias ‘pesticida’, ‘praguicida’ e ‘defensivo’”. Os dois primeiros significam, respectivamente, “o que mata peste” e o que mata praga. O emprego de “peste” para este contexto não é adequado, de acordo com Paschoal, pois a palavra refere-se mais a uma doença do que ao seu agente causador, isto é, microorganismos patogênicos. “Praguicida” é mais etimologicamente correto, mas não traduz a realidade, já que esses agentes não matam somente o que os humanos consideram “pragas”. Nesse sentido, o termo “biocida”, ou seja, “o que mata o vivente”, seria mais verídico, porém não agrada os homens de negócio<sup>44</sup>.

O termo novo “defensivo” é incoerente para Paschoal, pois as substâncias químicas agravam os danos causados pelas pragas. Assim, a única palavra que não apresenta inconvenientes é “agrotóxico”. Ela pode “ser usada em sentido geral para incluir todos os produtos químicos

<sup>40</sup> *Ibid.*

<sup>41</sup> José Bernandes, “Pesticidas: um passo em falso da agricultura industrial”, in *Jornal do Commercio*, Manaus, n° 22.598, ano LXXIII, 1977, p. 7, diversos.

<sup>42</sup> *Ibid.*

<sup>43</sup> Graduado em Engenharia Agrônômica pela USP, em 1967, e autor de *Pragas, praguicidas e crise ambiental* (1979).

<sup>44</sup> Adilson D. Paschoal, “Os agrotóxicos e a crise ambiental”, in *Suplemento Literário*, n° 67, ano II, 1978, p. 11.

(inseticidas, acaricidas, herbicidas, fungicidas etc.) empregados nos agroecossistemas”, indica a natureza tóxica dos produtos e o local onde são usadas (agroecossistemas) e identifica a ciência que estuda os seus efeitos (Toxicologia e Toxicologia Ambiental).

A sugestão de Paschoal acabou sendo amplamente difundida e é um indício do andamento das discussões sobre os maléfcios das substâncias químicas no Brasil marcadas pelo pioneirismo do alerta de Carson.

### **Considerações Finais**

Por meio da análise da recepção da obra de Carson na imprensa brasileira, considerando os jornais e revistas disponibilizados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, relacionamos as discussões ambientais brasileiras com as globais a partir do alerta gerado pela bióloga no mundo.

Nas quase duas décadas seguintes a sua publicação original e no Brasil, *Primavera Silenciosa* foi consideravelmente difundida e discutida nos jornais e revistas do Brasil, principalmente quando o assunto era o uso de pesticidas. No geral, o livro foi relacionado a críticas à destruição da natureza. A possibilidade de um local sem a presença do som do mundo natural pareceu de fato ter impactado as pessoas.

Com este artigo pretendemos contribuir com o debate público acerca da preservação do meio ambiente e da vida. Isso porque as questões levantadas por Carson continuam presentes até hoje, ainda mais considerando que o Brasil é um dos países que mais consomem agrotóxicos no mundo, sendo muitos deles já proibidos em outros países. O DDT, por exemplo, citado amplamente ao longo do artigo, teve sua fabricação, importação, exportação, manutenção em estoque, comercialização e uso proibidos no país somente em 2009<sup>45</sup>. Há, portanto, muito o que se debater e se conscientizar sobre esse assunto.

---

<sup>45</sup> Elenita M. Pereira, *op. cit.*, p. 72-73.